

**ESTAR E VOLTAR** | JOÃO GIGANTE



O MDOC - Festival Internacional de Documentário de Melgaço, organizado pela Associação AO NORTE em parceria com a Câmara Municipal de Melgaço, tem contribuído, através de várias iniciativas que dinamiza, para um arquivo fotográfico e audiovisual do território.

Um arquivo não só para memória futura, mas que integra na sua produção um processo de reflexão, de conhecimento, de divulgação e de encontro com Melgaço e o seu concelho. É o caso do projecto *Quem somos os que aqui estamos?* que, depois de um interregno em 2020 provocado pela pandemia da Covid-19, retoma o olhar sobre a região e vai ao encontro de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro.

*Estar e Voltar*, de João Gigante, uma das vertentes desse projecto, traz-nos, com a fotografia, um percurso pela memória da montanha e um encontro com as pessoas que a habitam.

A Organização do MDOC

## **BIOGRAFIA**

**João Gigante**, 1986, natural de Viana do Castelo, é licenciado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes do Porto e realizou o Mestrado em Comunicação Audiovisual (Fotografia) na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto. Mantém o seu percurso entre a prática das artes plásticas, tendo exposto o seu trabalho em diversas exposições. O seu trabalho complementa as diferentes áreas de actuação plástica, como a fotografia, o vídeo, a sonoplastia, a instalação e o desenho. Desenvolve também projectos de cariz musical onde se destaca o projecto PHOLE. É também, fundador e director da Revista PARASITA (com Hugo Soares).

Actualmente é docente na área do audiovisual (área científica de Artes, Design e Humanidades) na Escola Superior de Educação do IPVC.



# ESTAR E VOLTAR

JOÃO GIGANTE

2021

Num percurso pelo território, fotografar torna-se um acto de percepção e identificação de gestos e movimentos, da morfologia dos lugares. Ao longo de cinco semanas de trabalho de campo, é na montanha que a narrativa se constrói, que se identificam as memórias e a contemporaneidade, as pessoas: Lamas de Mouro e Castro Laboreiro.

Este projecto fotográfico tem como intenção a leitura sobre uma comunidade que se encontra em constante movimentação, com transposição de fronteiras, por migração ou emigração, no presente ou no passado. Quem decide viver, estar e voltar? É neste equilíbrio emotivo e de ligação permanente, mesmo à distância, que se pode definir este território.

Enquanto autor, a viagem por estes eidos desenha e imagina a ideia de sequência narrativa, despertando para formas de abordar, intervir e activar um objecto de pensamento. Neste trabalho encontram-se partes de um todo, detalhes de uma intenção para com quem está a ser tratado e retratado. Foi na conquista do discurso e da aproximação, que fui entendendo aquilo que seria o projecto, um traço sobre a representatividade de quem aqui habita ou regressa. Acompanhando a preparação e produção do projecto, encontro uma estrutura social dedicada, pensada e diversa, sobre um espaço de tempo e um território em construção.

Fazer parte de uma montanha com tantas memórias transforma a contemporaneidade num gesto de representação constante. O dia-a-dia torna-se um espelho, um reflexo do que terá sido viver aqui. Existe um passado enquadrado e decidido, mas também a procura de um futuro onde as memórias se possam manter e onde sobrevivem. Contudo, quem aqui vive quer ser do hoje e permanecer. É na transformação, de dia para dia, que esta mutação do território se permite a um desenho actual, a uma nova organização desta comunidade: o querer ficar, ou o voltar, sem perder aquilo que já foi ser-se daquele lugar.





























































































































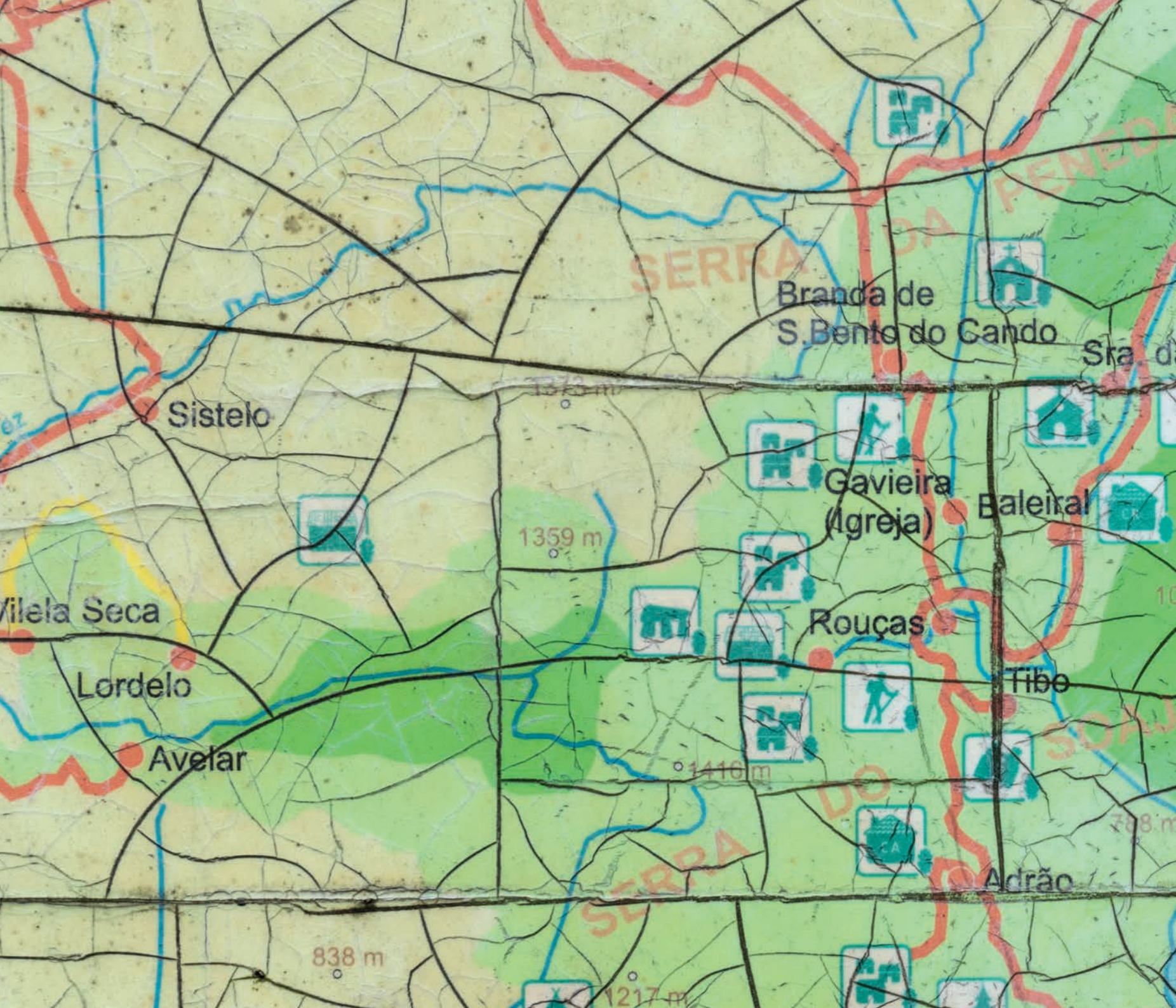












SERRA

DA PENHA

Branda de S. Bento do Gando

Sra d

Sistelo

1372 m

Gavieira (Igreja)

Baleiral

Milela Seca

1359 m

Lordelo

Rouças

Tibe

Avelar

1416 m

838 m

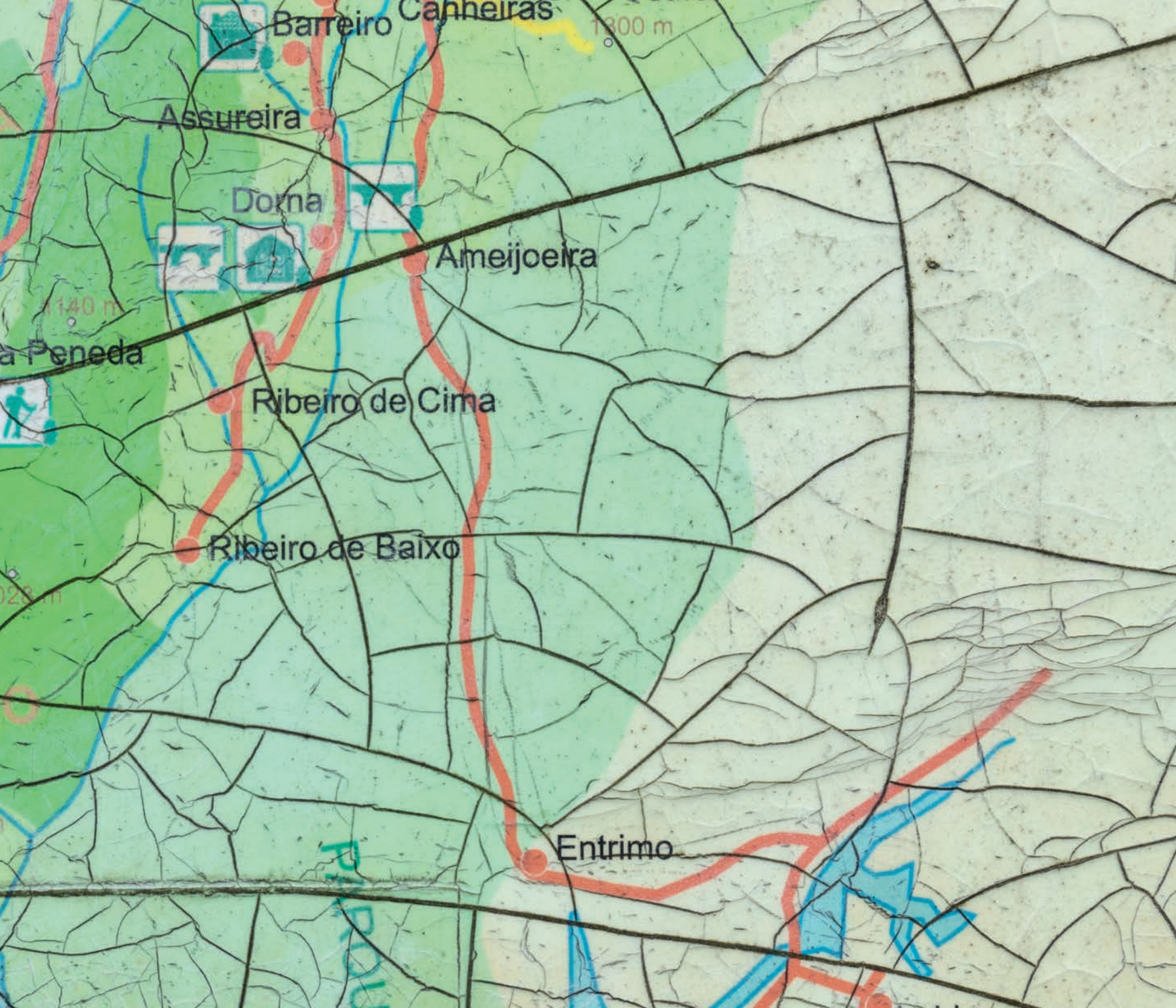
SERRA DO SOA

1217 m

Adrão

708 m





Barreiro Canheiras

1300 m

Assureira

Dorna

Ameijoeira

140 m

a Peneda

Ribeiro de Cima

Ribeiro de Baixo

028 m

Entrimo

Ribeiro















































































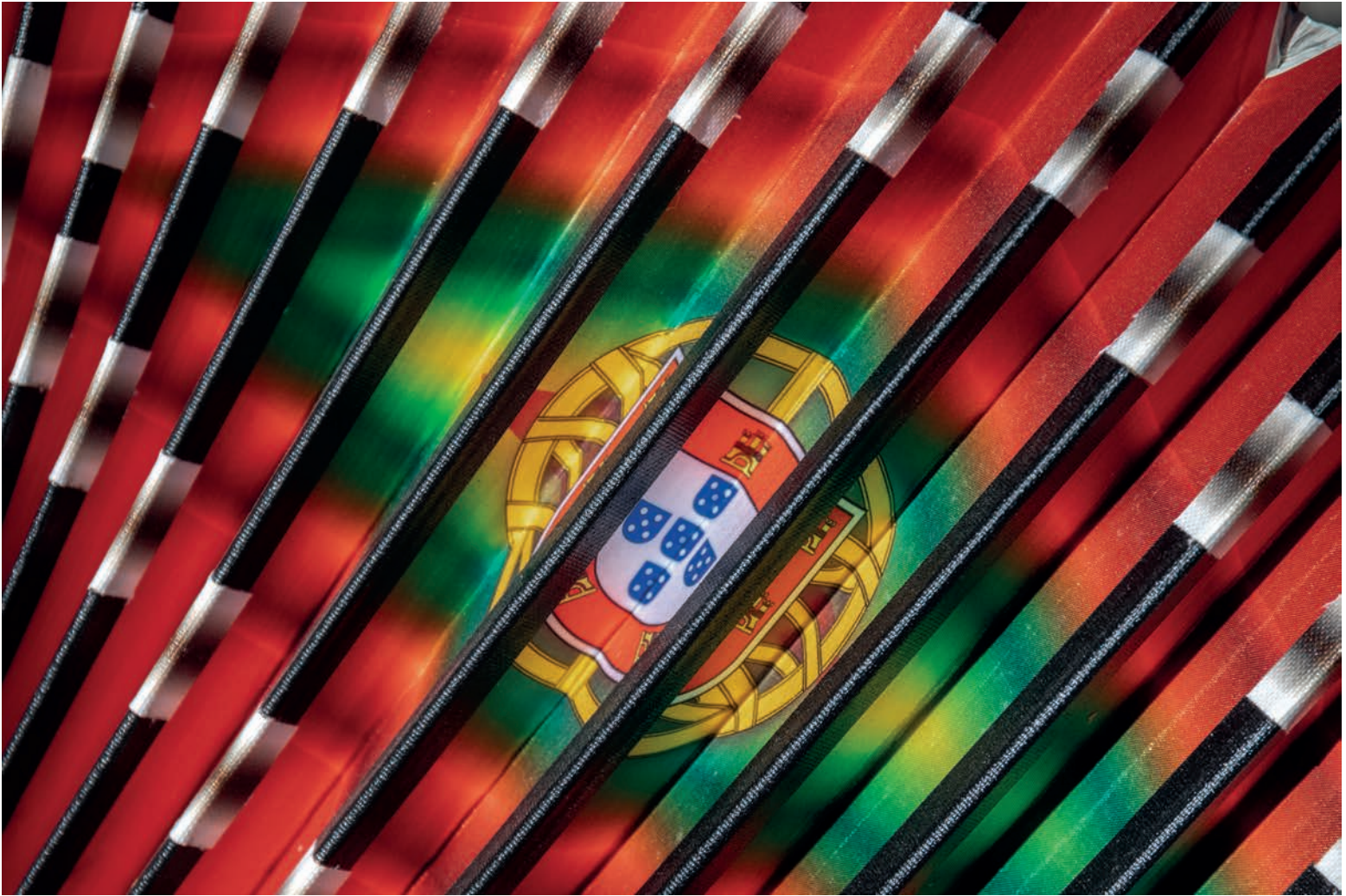














































































































































































**ESTAR E VOLTAR** | TEXTOS

## MIL PLANALTOS

ÁLVARO DOMINGUES



### Imagem primeira – mil planaltos

Varrido pelo vento e fustigado pelos nevões do inverno, o passar lento do tempo vai deixando no planalto marcas e memórias que resistem ao esquecimento e que vivem no imaginário da tradição, nos monumentos funerários erguidos por gente que aqui andou há mais de seis mil anos, nos caminhos ou nas poldras. Nos tempos que a História documenta, por aqui se indefiniam as fronteiras e se espalhavam gados e algumas terras de centeio e, muito mais tarde, batata.

O Planalto é um lugar encantado. Desde finais do V milénio a.C. que numa área de cerca de 50km<sup>2</sup> se dispersam 80 monumentos megalíticos, ora agrupados, ora isolados.<sup>1</sup> Estranha gente de tempos tão afastados, que apenas nos deixou sinais de arquitectura dos mortos ou da sua relação com o desconhecido. Para o tempo futuro ficaram grandes monumentos funerários, pedras mágicas espalhadas nos ermos do Alto da Portela do Pau e do Outeiro do Ferro. É hoje impossível imaginar as suas vidas, a fragilidade da existência, a exposição permanente às feras, à luta pela sobrevivência e aos rigores das estações. Perdeu-se o fio.

Contudo, sendo muita a persistência, o artifício e labor dos humanos,

até as terras mais duras podem dar algum sustento. Castro não fugiu à regra. O gado povoou estes montes, cultivaram-se lameiros, organizou-se vida em comum, sistemas de partilha, normas de conduta que asseguraram a perenidade dos gestos, o afeiçoamento da terra, a condução das águas, ou os modos de falar. A montanha e os planaltos perderam quase todos os segredos, conheceram-se as nascentes, inventaram-se outras divindades e lugares sagrados, apurou-se o afeiçoar da pedra para as casas e os caminhos, poldras nos rios, pontes, casas, armadilhas para caçar as feras, cortes para proteger o gado, fornos para fazer o pão, cuidados a ter para com forasteiros mal-intencionados, mas também hospitalidade e conversação sobre o grande mundo que havia para lá das serras.

Em estado permanente de guerra com a tradição, a modernidade não encontrou nestes ermos razão bastante para lavar o caminho do progresso e a agitação constante que o alimenta. O tempo é um tumulto, somando instantes e acontecimentos; o espaço não tem fim, é aí que as coisas acontecem, ao mesmo tempo, verdadeiras ou falsas, pouco importa. Aqui no planalto reina o silêncio e a vastidão.

Na sua obra *Mil Planaltos*, Gilles Deleuze e Felix Guattari trazem-nos outros significados para os planaltos – *toda e qualquer multiplicidade conectável com outras por raízes subterrâneas e superficiais, de maneira a formar e expandir um rizoma. Um rizoma não tem princípio nem fim (...), pode ser lido em qualquer lugar e ser relacionado com qualquer outro.*<sup>2</sup> Trata-se de uma obra sobre filosofia, sobre o conhecimento, sobre política, sobre a linguagem... sobre o que os humanos pensam e como pensam.

Este planalto faz também parte desse jogo de nos fazer pensar sobre a longa caminhada dos humanos sobre o planeta. Mais do que o território ou a paisagem, é o tempo que aqui se revela. Tim Ingold, antropólogo de muitos e largos saberes, diz que a arqueologia é a *temporalidade da paisagem*<sup>3</sup>, e por isso é tão importante a presença do megalitismo nestas partes.

Muitos mais passarão por aqui e decidirão, como os antepassados remotos que construíram os monumentos funerários, se vão ou não deixar registos para o tempo futuro desta paisagem.

Se não deixarem, o vento deixará (e os nevões).





**Imagem segunda** – o autochtone descendente da primitiva raça humana do quaternário

*Acantonado desde os tempos prehistoricos n'uma região montanhosa de aspérrimo acesso, como o demonstram as numerosas necropoles dolmenicas espalhadas na maioria dos seus planaltos, o Castrejo mantém ainda tenazmente no seu typo physico os elementos primordiaes da raça mãe, tendo soffrido pouco com a influencia das gentes immigrantes, que successivamente transportaram para o território portuguez novos períodos civilisadores e novos elementos ethnicos. (...)*

*A physionomia do Castrejo é em geral severa, rude, mesmo tristonha, como agreste e melancolica é a paizagem serrana que o cerca; as condições exteriores do meio parece reflectirem-se no aspecto physionomico dos habitantes.<sup>4</sup>*

O Capitão Artur Augusto da Fonseca Cardoso (1865-1912), para além de militar, foi sobretudo arqueólogo e antropólogo, colaborador da *Revista das Ciências Naturais e Sociais* onde se distinguiram Rocha Peixoto e Ricardo Severo, entre outros, e co-fundador da revista *Portugália* (1898-1908) onde está publicado este artigo sobre Castro Laboreiro. De influência francesa, a antropologia de então dedicava-se sobretudo a estudos comparativos e classificação das “raças” humanas, baseando-se na anatomia comparada e na antropometria. Acreditava-se que o

meio natural produzia traços de carácter nos seus habitantes.

Em pleno fulgor das ideologias nacionalistas, a demanda pelas origens remotas da *raça mãe* constituía um poderoso argumento de afirmação do espírito da nação. Mergulhados na depressão resultante do ultimato inglês sobre as colónias (1890), da crise económica e financeira de 1890-92 e de um sentimento de inferioridade (e de decadência) face à Europa industrializada e moderna, era absolutamente necessário inventar heróis e mitologias sobre as origens lusas. Depois do ultimato os aspirantes da marinha, exacerbando o espírito patriótico, lançaram uma subscrição nacional no *Diario Illustrado* de 16 de Janeiro de 1890 para a compra de um navio de guerra – o seu nome seria *Viriato*<sup>5</sup>. O Estado Novo de Salazar trabalharia esta doutrinação ideológica até à exaustão.

Portugal, na cabeça do ditador e dos seus conselheiros, seria *um país essencial e inevitavelmente rural, uma ruralidade tradicional tida como uma característica e uma virtude especifica, donde se bebiam as verdadeiras qualidades da raça e onde se temperava o ser nacional. Em 1953, Salazar dizia que «aqueles que não se deixam obcecar pela miragem do enriquecimento indefinido, mas aspiram, acima de tudo, a uma vida que embora modesta seja suficiente, sã, presa à terra, etc.»*<sup>6</sup>, seriam... pobres, o bom povo temente a Deus e às autoridades. Essa seria a raça que se comemorava a 10 de Junho, o Dia da Raça.

Em matéria de raça, Castro Laboreiro é um cão: *Animal vigoroso, de agradável morfologia e muitas vezes com uma pelagem espectacular. A expressão é severa e séria. É rústico como um montanhês.*<sup>7</sup>



**Imagem terceira** – um mar de pedra

Um mar de pedra e terras escalavradas, se diria destas altas terras e planaltos inóspitos. Sente-se na pele a presença de uma aragem fina, no horizonte, uma névoa a correr pelos altos e um grande silêncio disperso pela vastidão da montanha. Nenhum agasalho parece existir nestes ermos. O frio e a neve reinarão por longos invernos e este mato rasteiro e escasso não dará muita cor à Primavera, abrigo aos animais pequenos, alimento a alguma alcateia que por aqui deambule em busca de uma ovelha perdida, ou a algum olhar atento e afiado que do alto pressinta a correria de um coelho.

Ao longe, num lugar mais macio e abrigado, ou num outro onde a terra consinta algum cultivo nos barbeitos, aparecem casas apinhadas, sinais de uma luta de séculos pela sobrevivência, pelos rebanhos, pelos centeios e pelo pão, pelo calor da lenha ou da raiz da urze. Vidas disputadas à escassez e a uma economia que obrigava os mais capazes a sair, a ir trabalhar para Espanha, para os muros dos socalcos das vinhas do Alto Douro, para mais além dos Pireneus ou do grande mar oceano, caras ao Brasil.

Assim se normalizou um modo de vida repartido por muitas geografias e movimentos. Localmente procuravam-se no verão os pastos mais frescos da serra, o cereal, a batata, depois; no inverno voltava-se ao

vale, ao calor do fogo, aos cuidados com o fumeiro. As estradas vieram tarde e encontraram já uma população em debandada geral, espalhada pelo mundo, cansada do esquecimento de quem manda, da vida dura e dos horizontes fechados. A modernização consumou-se. Em Castro ficaram marcas opostas dessa ocorrência – ruínas e abandono ao lado de casas novas; histórias de lobos; cães de linhagem assegurada; relatos de tradições de uma identidade perdida noutros tempos e noutras vidas, mulheres vestidas de negro e famílias habitando casas escuras onde o conforto era pouco e muito o fumo.

Agora as serranias são parque natural, não se vêem contrabandistas, garimpeiros de minério ou emigrantes clandestinos e passadores. Transformado em jazida identitária mais ou menos suavizada, o passado está em reformulação para a imaginação do presente e dos vindouros. Como escreveu Paul Ricoeur: *Para tomar parte na civilização moderna, é necessário, ao mesmo tempo, participar da racionalidade científica, técnica e política, algo que frequentemente requer o abandono puro e simples de todo um passado cultural. É um facto: nenhuma cultura pode manter-se e absorver o coque da moderna civilização. Eis o paradoxo: como tornar-se moderno e regressar às origens; como reviver uma antiga civilização adormecida e ser parte de uma civilização universal.*<sup>8</sup>

Em tempos de globalização e de transformação aceleradas, o passado e as tradições parecem sólidos e reais como as serras. Face a tudo que muda – que é quase tudo e a grande velocidade – a identidade construída nos alicerces do passado mais ou menos mitificado pode ser ligeiramente tóxica. É que o futuro está à nossa frente e o resto são apenas memórias: *o amôr à nossa terra, o desejo de a tornar conhecida e respeitada, a vontade de trabalhar para o seu engrandecimento e progresso e uma grande paixão que temos por nos instruir.*<sup>9</sup>





#### Imagem quarta – pedra sobre pedra

Pedras sobre pedras, muros que dividem, protegem ou defendem. Este é o gesto que institui a própria essência do território: o terreno, a terra de ninguém passa a ter limites, sistemas de governação, regras sobre modos de usar, de incluir ou excluir. O território é um dispositivo político.

Nas serras de Castro Laboreiro estas defesas alcandoradas nos altos perdem-se em tempos recuados dos povoados da Idade do Ferro, da ocupação romana da Galécia, das manobras militares dos suevos e visigodos, da invasão muçulmana, ou dos senhores e reinos das Astúrias (Leão), da Cantábria, de Castela, e da Galiza. Quando D. Afonso Henriques ocupou o castelo em 1141, fixava-se um limite fronteiriço do novo reino de Portugal, instituía-se um couto vinculado ao Mosteiro de S. Salvador de Paderne e, eventualmente, uma carta de foral. Castro Laboreiro foi sede de concelho a partir de 1271, com foral concedido por D. Afonso III. Com D. Dinis (1279-1325) reforça-se a importância do castelo na linha de defesa da fronteira norte do Minho e Trás-os-Montes. Pelo tempo fora, praticamente até ao início do séc. XIX, o castelo foi conhecendo episódios da turbulência fronteiriça e durante o domínio dos Filipes (o território de Castro Laboreiro só reintegrará Portugal pós-restauração em 1666), conheceu uma forte destruição:

*“Aos dezoito dias de Novembro de 1659, que foi uma terça-feira, às nove*

*horas da manhã, caiu um raio na Torre do Castelo que servia de armazém de pólvora e fez a maior ruína que se sabe, pois da Torre e mais partes acessórias não ficou pedra sobre pedra e deste grande prodígio se vê claramente ser grande castigo do céu que Deus mandou para castigar pecadores que dentro deste Castelo estavam nesta grande desventura se viram grandes milagres. O primeiro a escapar foi o Governador Gaspar de Faria com a sua mulher e mais família, estando na parte mais arriscada, pois aí removeu a muralha da Torre; as suas casas e as fez em pedaços e aí estavam e aí escapou com mais segurança e castigou o que na Ermida não podia ficar pedra sobre pedra, pois caiu toda a Torre sobre ela e ficou Nossa Senhora dos Remédios aí me recolhi, sem cobertura, sem água, ficando debaixo toda a máquina. Terceiro Milagre; - Foi que escapou um Escrivão do Governador debaixo desta ruína, sem avaria e são. Nesta desventura morreram – Gaspar Lima de Castro, Escrivão das Décimas e Sisas e Treslados; e um mulato seu criado, por esse nome Marcos, natural de Tangil e um múdo, criado do Governador, por nome de Gaspar de Medela e dois soldados.”<sup>10</sup>*

Depois deste grande prodígio, das desgraças e dos milagres relatados, descansam agora as pedras que se vão confundindo umas com as outras até que aconteça algum improvável sobressalto fronteiriço que, com certeza, não se deverá resolver com pólvora, pedras e fortalezas.



**Imagem quinta** – à porta de casa de cada um desenrolam-se as conversas com quem passa nos caminhos

Assim se podia falar acerca de velhas comunidades de vizinhos enredadas nas suas múltiplas pertençaçs:

- a família patriarcal que distribuía funções, papeis, autoridade, obediência e organização do trabalho e da vida;
- o grupo que assegurava as regras de uso das coisas comuns, do forno do povo, da condução da rês no monte, do baldio, da divisão das águas, do trato dos caminhos... ou da resolução de alguma questão ou conflito que não tivesse que passar pelo tribunal da comarca;
- a igreja, a comunidade dos crentes, o pároco, as cõngruas, o cemitério, os mortos, as cruces nos caminhos da serra, as alminhas, certos padrões de moralidade e conduta, e tudo o que o sobrenatural pudesse esclarecer acerca do pavor das trovoadas, dos sinais do além, de um filho que deus levou ou da bênção do pão antes de entrar no forno;
- o Estado e as suas ramificações múltiplas, a tropa, os impostos, a décima, taxas e licenças, registos, a escola, o cuidado médico que era escasso ou ausente, a guarda fiscal e toda a espécie de autoridade distante a somar à que era visível localmente.

Por ser a comunidade uma palavra feliz, preferimos acreditar que existe e fazemos por isso repetindo incessantemente a palavra: *As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade”. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos a sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade - o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa.*<sup>11</sup>

O mundo, porém, é bem maior. Estes muros de aparelho de pedra regular de alguma longínqua pedreira; os fios pelo ar por onde circula energia e informação; as casas grandes e modernas..., tudo nos fala num mundo que se abriu e que derrubou as margens entre o local e o global. Conversas ao pé da porta haverá sempre; sobre quê ou com quem será difícil de imaginar; se tocar o telefone, tudo mudará de repente, serão outros os interlocutores e nem sequer é necessário estarmos junto um dos outros, encostados ao cajado ou à ombreira do portão.





**Imagem sexta** – terreiro

O telhado novo da igreja e a limpeza do granito, o empedrado impecável do largo, o pormenor técnico das tampas metálicas, o passeio, as casas alinhadas, o largo do cruzeiro, o adro da igreja, tudo isso compõe esta solenidade simples do espaço público. Quanto às casas..., há quem não goste de marquises; há quem nelas veja uma intrusão da modernidade que desvirtua a suposta pureza vernacular amiga da pedra, da madeira e do ferro forjado; alumínio, chapa ondulada, grelha de cimento ou persiana plástica, também desgostam o visitante que, quem o saberá, ainda estaria à espera de encontrar telhados de colmo - gente que gosta de museus e que pouco pensa na razão das coisas. O certo é que as varandas já não são para secar frutos e sementes, e a marquise sempre protege do frio e abriga plantas delicadas e trinados de canários.

Quando o etnógrafo Fernando Galhano (1904-1995) por aqui passou na sua juventude, apenas se lembra de *fragas e gente rude, e casas cobertas de colmo no meio de uma paisagem agreste de calhaus, uma igreja de granito tostado, de onde aos domingos saíam mulheres embuçadas em capuchas escuras; e (...) uma mulher com o filhito ao peito atado no fateiro a lavar uma terra magras, para centeio; pedra e mais pedra*.<sup>12</sup>

O espaço público é a quinta-essência da imaginação da vida em conjunto, o lugar comum onde toda a gente se encontra para folguedos,

convívios, funerais, ajuntamentos, passeios e correrias. Se for praça, excelente. Sem automóveis e outras próteses motorizadas, tal espaço ganha ainda maiores poderes mágicos, fotogenia e valor simbólico. Com granito, ganha austeridade, longevidade, linhagem. Com igrejas e cruzeiros, recolhe as graças do sobrenatural, o mistério das coisas sagradas e a vibração do tocar do sino (se não for electrónico e não repicar as horas e as meias horas). Com esplanadas, candeeiros de catálogo, floreiras, guarda-sóis coloridos, música ambiente e rede wifi, a praça assume ares de cosmopolitismo e gastos em cerveja.

Apesar de tanta retórica, à medida que as coisas se complicam e o passado vai ficando distante, todas estas coisas tendem para o formato Centro Histórico ou Aldeia Típica, ficando tudo o resto – que é quase tudo o que há – num apartado genérico de espaço natural ou de coisa inominável por excesso de ruína e casa nova, estrada e auto-estrada, rede eléctrica pelos ares, fábricas e negócios quando os há, tudo desarrumado segundo as regras dos alinhamentos, da regularidade dos quarteirões, da textura dos materiais ou da composição das fachadas e dos volumes. Aqui, a julgar pelo que se vê, domina uma certa paz, boa cantaria e suficiente dissonância para que a realidade não pareça um cenário.

No meio de tantos montes, de gente dispersada pelos cantos do mundo, de lugares sem habitantes, turistas ocasionais e espíritos que perderam a fé, aquela igreja velha de séculos ainda toca fundo na memória de muitos. No tempo de D. Afonso Henriques, era a Igreja de Santa Maria da Visitação. Hoje é um ponto fixo na sociedade que muda, um referente do lugar, um marco do espaço público que se dissolveu pela escassez de gente que lhe faça praticar e reviver o adjectivo.

Assim estamos – no passado remoto, a comunidade centrava-se nestas ambiências de ritual colectivo e solenidade que o toque do sino convocava. Agora andamos mais difusos, em geometria de centralidade variável, enredados, em movimento, telecomunicáveis. Descentrados.



**Imagem sétima** – a mulher que atravessa a ponte

Este é o rio Laboreiro encaixado entre as serras do Quinxo e da Peneda, e a ponte, estreita e de desenho curioso, liga as duas margens e dá continuidade a caminhos que se confundem com as pedras e que apenas permitem a passagem de pessoas e animais. A mulher que atravessa a ponte apoiada num cajado pode muito bem ser alguém em missão de pastorear. Não a pastora da Arcádia, seguramente, nem a pastora de outros tempos com a sua capa preta pela cabeça, a croça, as chancas e as albarcas de lã apertadas por cordões para proteger as pernas. Depois da emigração, tudo mudou.

Aparentemente, o Ribeiro de Baixo é o lugar mais isolado de Castro Laboreiro, mas também aquele que pela sua localização abrigada entre os 500 e os 600 metros de altitude, permite cultivos que não são possíveis na montanha: milho e vinha, por exemplo. Do outro lado do rio, numa pequena veiga onde o solo é mais fundo e as pedras não afloram, existem campos murados e socalcos que ainda hoje se cultivam. Como rio faz fronteira, seriam terras galegas; mas não são. O Ribeiro de Baixo é um lugar especial:

*Diziam-nos um natural do Ribeiro de Baixo, em Agosto de 2003, emigrante em França e a passar férias na sua aldeia, que nunca se sentiram muito ligados à freguesia, nomeadamente, à Vila, pois no tempo do pai preferiam*

*ir fazer as compras e vender o gado (quando não era transaccionado no contrabando, o que não raramente acontecia) a Melgaço, pois o esforço da caminhada não diferia, em muito, do despendido, quando se dirigia à sede da freguesia. Além disso, tinham boas e fortes ligações com as populações da Peneda e com os vizinhos galegos (por causa do gado, que pastavam, em conjunto, no cimo da serra), não precisando, portanto, de recorrerem muito aos conterrâneos, que designavam pelos castrejos, excluindo-se a eles próprios.<sup>13</sup>*

Hoje as caminhadas são para montanhistas e aventureiros. A fronteira dissolveu-se nos tratados entre nações; o contrabando e a emigração clandestina pertencem ao passado; já não se fazem câmbios de francos e pesetas na mercearia. Nunca se sabe quem se pode encontrar no Ribeiro de Baixo e as histórias de vida que quiser contar: alguém que já viveu mais de quarenta anos em Paris; casas fechadas; familiares e vizinhos de passagem; amigos de Braga.

Assim vai o mundo. Em qualquer recanto do planeta o “local” já não é o espaço e o tempo que fixava um modo de viver por gerações. Distribuimo-nos por muitos lugares; cultivamos vínculos, vivências e memórias distintas nessa geografia de movimentos e permanências; voltamos, algumas vezes, e muitos preferem a terra das origens para o grande sono da eternidade. Outros, não.





#### Imagem oitava – pórtico

Depois do caminho das pedras, abre-se um pórtico que anuncia a entrada. É um pórtico de dimensões pouco usuais mas que no passado se podia encontrar em situações muito diversas e até opostas: na casa humilde de um lavrador era a porta carral por onde entravam os carros de bois e a sua carga de feno de uma altura descomunal; na casa solarenga, o grande portal anunciava a magnificência da casa e da linhagem que o brasão não desmentia.

São assim os humanos e as suas obras: ora pensam e executam segundo critérios de funcionalidade prática e economia de meios; ora se concentram em dar forma a mensagens de alto conteúdo simbólico para que sejam apreciadas por outros, respeitadas ou invejadas.

Olhando este pórtico simples, de construção moderna e linhas minimalistas – quase um caixilho –, ficamos na dúvida sobre a razão do pensamento que o gerou e que, de momento, serve apenas para marcar uma entrada e servir de suporte a uma porta convencional feita de tubo de ferro e rede metálica. Aqui começa uma propriedade.

Ao fundo há uma casa e, antes da casa, um outro portal de construção mais elaborada e de linguagem mais doméstica com o seu arco revestido por telha como se fosse o beiral da casa. Desta vez o portão

acompanha a forma e a escala e apresenta um desenho mais trabalhado. Por fim, a casa.

Em volta a aspereza da montanha, as encostas abruptas, as pedras, o mato rasteiro, e uns socalcos no fundo do vale.

Percebendo a dureza da vida que houve nestas paragens, as casas frias e afumadas e a ameaça constante da montanha inóspita, também se poderá perceber que quem aqui voltou depois de ter resolvido a escassez e a privação, queira marcar uma posição diferente, celebrativa.

Por isso se duplicam os portais, se erguem as casas novas e, sobretudo, se evite tudo aquilo que possa evocar os tempos difíceis e as circunstâncias que expulsaram a gente para uma terra estranha onde nem a linguagem se percebia.

Pelo menos isto era preciso fazer.

Outros virão depois e interpretarão o caso de outro modo. É necessário que tenha passado tempo suficiente para que esqueçam as más memórias das velhas tradições; é forçoso haver um distanciamento cultural para que se olhe para a serra de outra maneira; é importante que se tenha a certeza de que o tempo não volta atrás, ao coração apertado pela rês se ter dispersado no monte e ficar à mercê dos lobos, ao granizo que liquidou o centeio, à praga dos escaravelhos que deram cabo das batatas; ao porco que morreu depois de umas febres e das manchas vermelhas que lhe apareceram na pele; à tempestade que arrastou a terra dos lameiros.

Depois disso tudo pode vir a arquitectura da nostalgia, a celebração da ruralidade, a paz com a natureza (se não chover a fio durante uma semana de frio e névoas), a doença do património, a escavação permanente no passado mítico, a tradição inventada fora de época, a estética, a boa comida e as caminhadas no monte. Só depois.



**Epílogo de há cem anos – uma estrada para que não nos esqueçam**

*Olhamos para as casas, vemo-las com o mesmo colmo; alongamos a vista pelas montanhas, aparecem-nos as mesmas fragas, os caminhos sempre os mesmos! Mas, voltemos ao assunto principal. Os caminhos estão velhos e intransitáveis. Isto assim não pode continuar. Não deixemos que nos esqueçam.*

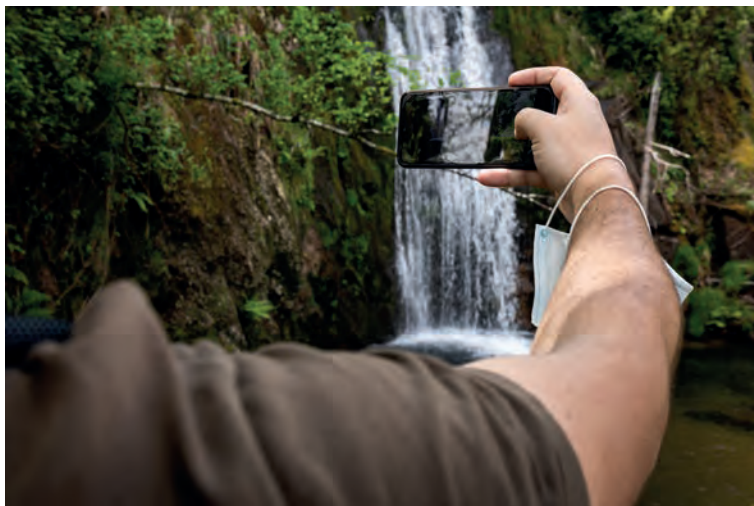
*Gritemos sempre bem alto, para que nos ouçam os que estão lá no poder: Queremos uma estrada! Queremos uma estrada!!<sup>14</sup>*



- <sup>1</sup> Ana M S Bettencourt, (2009). *A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze*, in P. Pereira (coord), *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, p. 70-113
- António M. Baptista (1997). *Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro*, *Brigantium*, 10, p. 191-216.
- Vítor O. Jorge; E.J. L. Silva, A.M. Baptista; S.O. Jorge (1994), *As Mamoas do Alto da Portela do Pau Castro Laboreiro (Melgaço)*. Trabalhos de 1992 a 1994, Porto: SPAE.
- <sup>2</sup> Gille Deleuze; Félix Guattari (1980), *Mille plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, pp.11-12.
- <sup>3</sup> Tim Ingold (1993), *The temporality of the landscape*, *World Archaeology*, Vol. 25, No. 2, Conceptions of Time and Ancient Society (Oct., 1993), pp. 152-174. <https://www.jstor.org/stable/124811>
- <sup>4</sup> Fonseca Cardoso (1908), *Castro Laboreiro (Ensaio Antropológico)*, Portugalia: materiaes para o estudo do povo portuguez, Tomo II, Fasciculo 2, pp.179-186, p.179 e 181.
- <sup>5</sup> Miguel Sérgio c. F.M. de Barros (2011), *O Ultimato de 1890 e o Nacionalismo Português de Fim de Século*. Lisboa: ISCTE, p.2
- <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/4298/1/0%20ultimato%20de%201890%20e%20o%20nacionalismo%20portugu%C3%AAs%20de%20fim%20de%20s%C3%A9culo.pdf>
- <sup>6</sup> Fernando Rosas (2001), *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*. Lisboa: Análise Social, vol. XXXV (157), 2001, 1031-1054, p.1033.
- <sup>7</sup> <https://www.cpc.pt/racas/racas-portuguesas/cao-castro-laboreiro/>
- <sup>8</sup> Paul Ricoeur (1955), *Histoire et verité*. Paris: Ed. du Seuil, p.170 (ed. de 1978)
- <sup>9</sup> In jornal semanário *A Neve*, / dir. Abílio Alves, nº1. *Castro Laboreiro*, 11 de Novembro de 1920.
- <sup>10</sup> Padre Aníbal Rodrigues (1996) – “*O Castelo de Castro Laboreiro*”. In: *Estudos Regionais*. Viana do Castelo, C.E.R., N.º 17, pp. 83-92
- Diana de Carvalho (2017), *Castro Laboreiro e o seu castelo. Contributo para o seu estudo*, *Abeltherium*, revista online de arqueologia e história do município de Alter do Chão, Vol. III, Maio, pp.49-74.
- <sup>11</sup> Zigmunt Bauman (2001), *Community (Seeking Safety in an Insecure World)*. Oxford: Polity Press, p.6 (ed. Jorge Zahar, Rio De Janeiro, 2003).
- <sup>12</sup> In Antero Leite; Maria Antónia M. C. Leite (s/d), *O Trajo Castrejo*. *ACER - Associação Cultural e de Estudos Regionais*. (consultado em [https://entreaminhoeserra.blogspot.com/2013/06/referencias-historicas-ao-traje-de\\_14.html](https://entreaminhoeserra.blogspot.com/2013/06/referencias-historicas-ao-traje-de_14.html)).
- <sup>13</sup> In Elza M.G.R. de Carvalho (2006), *Lima Internacional: Paisagens e Espaços de Fronteira*, vol.I. Guimarães: Universidade do Minho, Instituto de Geografia (tese de doutoramento em Geografia), p.154
- [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6909/1/Tese\\_Elza\\_Carvalho.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6909/1/Tese_Elza_Carvalho.pdf)
- <sup>14</sup> In *A Neve, Semanário independente - Por Castro Laboreiro*, Ano 1º, Nº2, 18 de Novembro de 1920 <http://purl.pt/31369/2/>

## APHANTASIA

DANIEL MACIEL



*Paro e registo o Presente para que, no Futuro, possa voltar a este dia, e reviver o Passado.<sup>1</sup>*

“O homem castrejo nunca viveu em Castro.”

Quem o diz não vive em Castro, mas é castrejo, com brio e orgulho, herdeiro de uma história profunda e enraizada nos altos montanhosos. Como assim, ser de lá sem viver? Não é estranho. As terras de Castro são duras e, desde tempos anteriores à memória, os seus homens saem de lá para trabalhar. São pedreiros – aliás, são reconhecidos enquanto pedreiros – e muito desejados pelas terras de Espanha e do resto de Portugal graças à sua capacidade de trabalho, arte da pedra e sentido de honra e responsabilidade.

Este último, atiremos à consideração do interlocutor. Desses homens que não viveram em Castro apenas resta a neblina do enunciado. Com sorte, uma fotografia ou um nome em algum documento velho. Mas são transportados ao presente pela invocação do orgulho castrejo, sendo a eles confiado o reconhecimento de honra e responsabilidade que tornarão, nos braços, de volta ao passado.

Realidade ou efabulação? Das mulheres, diz-se ficarem a defender o território, enquanto os homens andam por longe. Se do ponto se faz contraponto, de uma forma se descreve a outra em consequência, e Castro emerge síntese desta dialética entre os homens que vão e as mulheres que ficam, vultos negros numa fotografia a preto e branco, ou nascidos da ilustração de um etnógrafo assombrado pela monumentalidade castreja.

Indomáveis, as mulheres de hoje lembram o negro e rejeitam-no enquanto jazigo soturno. Isso são leituras de *gente de baixo*. “A minha mãe ia de preto para o campo, e cantava,” esclarece-me uma mulher castreja, enquanto falamos de ambiguidades. O homem ia, e a mulher ficava com tudo ao seu encargo. Com o peso da montanha nas mãos, é fácil sentir por um mundo fora de Castro. Mas sair é uma indignidade. “No início, só emigravam as mulheres que não tinham nada,” saltando a fronteira com os maridos, em rompimento final com a sua terra natal. Consta que a essa fuga não corresponde retorno. Entre todas as outras que ficaram, vincou-se um compromisso ético, que é o prisma ontológico do ser-se castrejo, que assenta os corpos e os incrusta na montanha entre as fragas e as urzes.

Apesar de que, bem vistas as coisas, esta não é a montanha que foi. As casas são climatizadas, o planalto visita-se de carro, e Castro vai-se-nos relevando entre a invocação da antiguidade, seus filhos e filhas, e a inoperável imprevisibilidade do Presente.

A certo ponto apercebo-me de mim próprio, navegando por um *écran* e fazendo *zoom* sobre esse Castro que foi. Olho uma fotografia antiga, de uma branda. Os telhados são de colmo, os palheiros erguem-se das eiras como um fungo bizarro e belo. Não se vê ninguém. A imagem fala-me de uma calma em tons de castanho, das profundidades do pitoresco, da branda preservada e perdida pelo arranque súbito do século XX. Não estão lá as rivalidades, o medo da fome, os corpos



doridos do trabalho duro. Nem se vê o amor, a festa, a comunidade. A fotografia circunscreve e ilude, revela e mascara.

Promete uma ilusão poderosa. A força de segurar uma forma, para que esta deixe de ser escorregadia; de a conter, para que deixe de ser sujeito, e passe a ser objecto. De desenhar o recorte da fotografia não como horizonte, mas como limite. E, mesmo no universo que pretensamente contém, podemos procurar o detalhe infinito, o ponto escondido que nos faz escavar continuamente, e prosseguir a tarefa *sisífica* de corrigir o retrato actual com a constante procura da autenticidade no passado. O negro soturno dos trajes e a dor dos músculos doridos pelo trabalho estão na fotografia; cá fora, a textura não se deixa fixar.

“Eu nunca saí de Castro.”

Entre pontos e contrapontos, Castro desobediente desafia quem o procura desenhar. À distância, os mesmos homens que sempre estiveram fora encontram-se, hoje, com um enunciado castrejo feito fora de Castro. Seria tentador acusar esse enunciado à aceleração ímpar do século XX, mas os próprios relatos desenham pouca diferença entre o hoje e o passado. Se hoje, em Braga, sabemos que os castrejos não saem de si, hoje, em Braga, também sabemos que os castrejos que saíam, não saíam, ou se saíam, levavam Castro consigo.

Castrejos que vivem fora de Castro sem nunca de lá saírem. Percamos tardes de conversa sobre este *hipercastro*, um campo castrejo desenhado pela presença, pertença e identidade, que é ao mesmo tempo território desenhado e diluído. Num outro texto, em alguma tarde de conversa, será algo a desenvolver. Mas, agora, acudamos a esta singularidade do indomável, da definição que transborda, do belo incerto.

Foi há alguns anos, em 2015, que um psicólogo chamado Adam Zeman cunhou o termo *aphantasia*, que poderia aqui tomar o *afantasiado* e sofrível aporuguesamento de “afantasia”, como a condição sofrida por certas pessoas que não são capazes de, na sua mente, conjurar imagens vívidas e claras. A *aphantasia* total é assim uma forma de esquecimento sensível, uma dormência da memória e da invocação criativa.

Se a cultura é repleta de apropriações, quanto mais a antropologia, venho tomar o termo em analogia para apontar uma certa qualidade

*afantasiada* inerente à fotografia, e ao atrevimento ignorante de se tentar capturar em imagem a inefabilidade da montanha. Porque a cultura não é objecto, mas sim sujeito, não é capturável, seja em recortes de uma fotografia ou pela régua e esquadro de uma matriz patrimonial. Qualquer tentativa de retorno cego à origem, qualquer definição intransigente é, como nos ensinam os castrejos e as castrejas, um exercício de ambiguidade, de incerteza e de indefinição.

É por essa razão que a decisão tomada pelo João Gigante em se deixar contaminar pelo Castro indomável, que desafia o espaço, o tempo e a imagem, assume essa beleza artística de acolher a impossibilidade do impossível, sem tentar desenhar linhas de possibilidade, inventando e artificializando.

São imagens sem permanência, onde o movimento e o devir espreitam em cada pormenor. Há um caminho erodido na montanha pela intempérie humana; vemos o apontamento do branco esterilizado e artificial que desafia o castanho-verde-negro-cinza da paisagem e do pêlo dos cães; há um caldo onde o moderno tem profundidade na história e o histórico é revisitado no contemporâneo. O céu é azul e o chão é pesado. São, todas elas, fotografias com reticências.

Vemos por uma câmara fotográfica que se recusa conter esse “humano demasiado humano”, invocando Nietzsche, um humano polifónico, desprendido da sua origem, que transborda e extravasa, desobediente e insopitável. São imagens que não se impõem; que recusam a loucura de imaginar um corte onde está um horizonte; que não combatem a *aphantasia*, mas pelo contrário se afirmam *afantasiadas*, porque o belo está precisamente na indefinição. Acredito que Castro não se mostraria de outra forma.

<sup>1</sup> Deturpação de propaganda situacionista, enunciada de memória, retirada talvez de um livro de Guy Debord.

TÍTULO

**ESTAR E VOLTAR**

AUTOR

**JOÃO GIGANTE**

DESIGN

**JOÃO GIGANTE**

TEXTOS

**ÁLVARO DOMINGUES**

**DANIEL MACIEL**

REVISÃO

**DANIEL MACIEL**

GRÁFICA

**PLANOZEN**

TIRAGEM

**300 EXEMPLARES**

DATA DE IMPRESSÃO

**05 / 07 / 2021**

EDIÇÃO

**MDOC - FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO DE MELGAÇO**

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO

**AO NORTE - ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL**

DEPÓSITO LEGAL

**485556/21**

ISBN

**978-989-54416-9-3**

Esta edição é escrita ao abrigo do antigo acordo ortográfico.



ISBN 978-989-54416-9-3



9 789895 441693

